

# **MEMORIAL**

**SILVIA FIGUEIREDO BRANDÃO**

**Departamento de Letras Vernáculas  
Setor de Língua Portuguesa**

**Memorial apresentado à Banca  
Examinadora da solicitação de Promoção  
a Professor Titular de Língua Portuguesa do  
Departamento de Letras Vernáculas.**



**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Letras  
Departamento de Letras Vernáculas  
Março de 2015**

# MEMORIAL

---

---

«Conseguí a experiência, que é essa coisa para a qual a gente nasce; e a profunda liberdade está na experiência. Mas experimentar o quê? experimentar essa coisa que nós somos e que vós sois? É verdade que a maior parte do modo de experimentar vem com dor, mas também é verdade que esse é o modo inescapável de se atingir o único ponto máximo, pois tudo tem um único ponto máximo, e cada coisa tem uma vez, e depois nos preparamos para a outra vez que será a primeira vez – e se tudo isso é confuso, nisso tudo somos inteiramente amparados pelo que somos...»

«Sem exagerar, como viver? Como atingir, sem exagerar? O exagero era o único tamanho possível para quem era pequeno; preciso me exagerar – senão que é que faço de mim pequeno?»

«Entender é um modo de olhar. Porque entender, aliás, é uma atitude».

Clarice Lispector. *A maçã no escuro*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Rio de Janeiro: Rocco: 1999, respectivamente, pp. 323, 308, 296.

## Sumário

<b>Passos iniciais</b>	<b>4</b>
<b>Passos definitivos</b>	<b>12</b>
<b>Pesquisa</b>	<b>13</b>
<b>Produção Científica</b>	<b>21</b>
<b>Orientação</b>	<b>35</b>
<b>Políticas acadêmicas</b>	<b>37</b>
<b>Veredas</b>	<b>39</b>
<b>Síntese do percurso</b>	<b>42</b>

# MEMORIAL

---

---

Pode-se dar início a algo, em sua força, escolhendo abrir alguma das incontáveis portas possíveis: toda genealogia, em seu sentido contemporâneo, não se refere à origem e menos ainda à totalidade; refere-se, sim, a esse modo de escolha de entradas e saídas e acontecimentos, e de recortes e focos sobre eles. Foi pensando nisso, que faço a escolha de 'inaugurar' o começo com a adolescência, pois foi nessa fase que bem mais claramente posso ver se esboçar o trajeto que trilhei ao longo dos quarenta e dois últimos anos, dos quais trinta e seis na UFRJ, para contar apenas aqueles em que atuei oficialmente no magistério.

## Passos iniciais

---

---

A adolescente tímida que eu era (parênteses difíceis, mas necessários: aluna exemplar, com senso de responsabilidade exacerbado até para a época, fruto de uma educação à lusa), preenchia meu tempo ocioso com uma gama diversificada de leituras, que ia das histórias em quadrinhos, das revistas semanais e dos jornais diários aos romances de autores brasileiros e portugueses e, por vezes, até de uma ou outra obra não ficcional. Lembro-me de passar tardes inteiras das férias, lá pelos quatorze, quinze anos, lendo, avidamente, Machado de Assis, José de Alencar, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Eça de Queirós, Júlio Dinis, enfim, o que me ditasse o momento, ou o que me permitisse a biblioteca do bairro, hoje não mais existente, que frequentava com assiduidade.

Considero-me, de certa forma, privilegiada, pois vários tipos de publicação entravam em nossa casa toda semana, e discos, de música popular e clássica, sobretudo de ópera, eram uma aquisição constante. Várias vezes, fui ao Teatro Municipal com um dos meus tios, que, na época dos recitais, comprava assinaturas e travava com minha mãe, também uma apreciadora do *bel canto*, conversas intermináveis sobre libretos e árias, o que me deixava fascinada, mas, lamentavelmente, não foi suficiente para que eu fizesse o mesmo.

Aos quatorze anos, depois de ter cursado o primário e o ginásio no Colégio de Santa Teresa de Jesus, onde, em certos períodos, tinha aulas de português em espanhol, em função de algumas das freiras serem recém-chegadas ao Brasil, tive de fazer a primeira escolha vocacional, uma vez que pretendia continuar minha formação no Colégio de Aplicação da UEG (atual UERJ), um dos mais renomados da época. O problema era que, além de o curso dividir-se em científico e clássico, nesse colégio, o primeiro se subdividia em medicina e engenharia e o segundo, em letras e estudos sociais, no intuito de já promover uma melhor preparação para o ensino universitário. Então, instalou-se o dilema: medicina ou letras? Na ocasião, estavam em voga os testes vocacionais e submeti-me a eles, o que, ironicamente, pouco adiantou, por indicarem que minhas tendências eram mesmo o magistério e a medicina. Frente ao impasse, pesou na decisão de optar por Letras meu fascínio pela leitura e algumas experiências muitíssimo precoces na área de ensino: dava aulas particulares de português, inglês e francês (eu cursava a Cultura Inglesa e a Aliança Francesa), por indicação de uma professora do ginásio, Maria de Lourdes Freitag de Mello, com quem tanto e tanto aprendi. Com ela colaborei até o final da faculdade, pois se dedicava, em sua casa, a dar cursos e aulas preparatórios para uma série de concursos públicos.

Em 1968, prestei exame vestibular e obtive aprovação para Português-Literaturas na UEG (atual UERJ) e na UFRJ, tendo optado pela primeira, levada não só pela maior proximidade da Faculdade de Letras em relação

a minha casa (poderia ir até lá a pé), mas sobretudo pela experiência no Colégio de Aplicação da UEG, que, guardadas as devidas proporções, se mostrou bem superior, em termos de proposta de ensino, à faculdade que acabei por cursar.

Na faculdade, mantive-me a aluna dedicada de sempre, tanto que, quando estava no terceiro ano, fui, por minhas notas, um dos alunos selecionados para atuar em aulas de reforço em escolas estaduais, no meu caso, a Reverendo Martin Luther King, o que acabei por não aceitar, pois, no início daquele ano (1971), tinha decidido, para me sentir independente, ter um salário fixo e trabalhar como telefonista internacional na recém-criada EMBRATEL.

Começava, de certo modo, em 1971, a vida real: dormir às 6h30h da manhã, acordar ao meio-dia; duas vezes por semana, ir à Cultura Inglesa e à Aliança Francesa; três tardes, dar aulas na casa da referida Professora Maria de Lourdes; de 16h30 às 21h30, frequentar a faculdade (diga-se, de passagem, sem faltas) e, depois, rumar para a EMBRATEL, onde, das 22 horas até meia-noite, aproveitava o tempo para estudar. Essa era a rotina.

Na UEG (atual UERJ), onde não havia o desenvolvimento de pesquisas e o ensino se pautava pela tradição, destaque, pela postura inovadora, entre meus professores, Amaro Ventura Nunes, de Linguística, autor, na minha opinião, de uma das melhores e menos divulgadas séries de livros didáticos que conheço, e Ivo Biasi Barbieri, que nos deu aulas de Literatura Brasileira no primeiro, segundo e quarto anos (não no terceiro, por ter sido preso por problemas políticos – estávamos no auge do regime militar). Dele, o paraninfo de nossa turma, pessoa extremamente discreta, guardo a imagem de um verdadeiro professor universitário: com amplo conhecimento na área, levava-nos a refletir, propunha seminários altamente produtivos e instigantes e fazia-nos ler até bibliografia em inglês e francês (como esquecer os lidos e relidos *The stream of consciousness in the modern novel*, de Robert Humphrey, e *Le rire*, de Henri Bergson). Foi ele, talvez sem o saber, uma das pessoas mais importantes na definição de minha vida acadêmica. No último

dia de aula, aconselhou-nos a dar continuidade aos estudos fazendo mestrado no programa de pós-graduação em Letras da UFRJ, que se tinha iniciado em 1970. Eu, que nunca havia ouvido falar em mestrado, mas estava sempre disposta a estudar mais, logo fui procurá-lo para maiores detalhes. Ele me incentivou, dizendo-me ter eu pendor para estudos literários, e fez-me o convite: venha ser minha colega no mestrado de Literatura. Tendo colado grau em dezembro de 1972, imediatamente pedi demissão da EMBRATEL e, nos primeiros dias de janeiro de 1973, já estava prestando concurso para o Mestrado em Língua Portuguesa (e não em Literatura Brasileira), o que me levou, com a aprovação, a me matricular em três disciplinas, sendo uma delas Teoria da Literatura, não só para ser colega do admirado mestre, mas também para penitenciar-me pela traição a ele e à literatura.

Em 1973, além do Mestrado, teve início minha atuação nas redes particular e pública de ensino. Nesse ano, comecei a dar aulas de português num curso de preparação para o vestibular, onde lecionei por dois anos, e de Literatura Brasileira na Sociedade Unificada Augusto Mota (SUAM), onde fiquei até o final de 1977, após a aprovação (em julho) no concurso público para Professor Assistente de Língua Portuguesa da UFRJ. Em 1974, como professora de Língua Portuguesa, entrei para o Colégio de São Bento e, por concurso público, para a Escola Gonzaga da Gama Filho, do ainda então Estado da Guanabara, e que, com a fusão deste com o Estado do Rio de Janeiro em 1975, passou a escola municipal, como todas as que se ocupavam do ensino de quinta a oitava série. Nos dois, trabalhei por quatorze anos, até 1988, em que me doutorei e solicitei a passagem a Professor Adjunto IV e o regime de dedicação exclusiva na UFRJ.

Das experiências na área de ensino, só não experimentei as de alfabetizadora e professora primária. Atuei em todas as séries dos ensinos fundamental e médio, em curso pré-vestibular e em uma faculdade particular. Lidei com as diferentes faces da educação em nosso país: três vezes por semana, saía do Colégio de São Bento, onde tudo funcionava

muito bem, e rumava para o Gonzaga da Gama Filho, onde, até as 21 horas, lidava – numa escola com infraestrutura deficiente – com adolescentes desperiodizados, mal alfabetizados, cansados pelo trabalho ou pela dura realidade em que se inseriam, mas confiantes no papel da escola como um elemento essencial para mudanças em suas vidas. Um grupo de professores de português mais consciente tentava, a cada ano, colocar em prática um programa especial, mas não autorizado pela Secretaria de Educação, que levasse os alunos a superar as dificuldades de leitura e produção textual, fundamentais, ainda, para o bom andamento das demais disciplinas. Também eram diametralmente opostas as experiências vividas na UFRJ e na SUAM. Hoje, quando ouço relatos e avalio o desempenho de alguns alunos da graduação ou escuto as queixas de orientandos que já atuam no ensino fundamental e médio, tenho a sensação de que, lamentavelmente, ainda estou atualizada a respeito dos problemas com que lida o professor, embora vinte e seis anos já se tenham passado desde que me exonerei do Município.

De 1973 a 1988, dei continuidade à minha formação na UFRJ, tendo-me tornado Mestre em Língua Portuguesa em maio de 1977 e Doutor em Letras Vernáculas, em novembro de 1988.

A dissertação, que, inicialmente, tinha por objetivo organizar uma edição crítica da écogla IV, Jano, de Bernardim Ribeiro, teve de ser redefinida, quase na sua fase final, porque Celso Cunha, meu orientador, havia sido informado por seu amigo Eugenio Asensio, filólogo espanhol, de que tinha descoberto um manuscrito que continha as écoglas do poeta e com o qual pretendia trabalhar. Tal notícia inviabilizaria o estabelecimento de um texto definitivo da referida écogla, uma vez que, embora eu dispusesse das edições de Ferrara (1554), Évora (1557) e Colônia (1559), a descoberta do novo manuscrito e a impossibilidade de utilizá-lo tornariam o pretendido estabelecimento de texto mera suposição. Como, na época, Celso Cunha centrava suas aulas e alguns de seus escritos em temas relativos à versificação e às primeiras gramáticas do português, sugeriu-me utilizar o



corpus já levantado para um estudo sobre a *scripta* do século XVI. Assim, redefiniu-se a dissertação, intitulada *A scripta de meados do século XVI estudada através da écogla Jano, de Bernardim Ribeiro*, que consistiu, conforme descreve sua sinopse, em determinar as “diretrizes das écoglas de Bernardim Ribeiro e de gramáticas do século XVI”; proceder ao “levantamento e comprovação da oscilação gráfica pela análise das variantes das edições quinhentistas da écogla Jano”; realizar o “estabelecimento de texto e estudo da estrutura poética.”

Os resultados da dissertação constituíram o texto da primeira comunicação que apresentei a um congresso, o XVII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, realizado, em 1977, sob os auspícios da Société de Linguistique Romane e da UFRJ e presidido por Celso Cunha. A propósito desse congresso, vale dizer que foi, também, o primeiro de cuja organização participei, na qualidade de secretária, ainda sem pertencer ao quadro docente da UFRJ, à convite de Celso Cunha, que apreciava meu senso de organização e minha forma de redigir. Lembro-me, ainda hoje, de passar várias tardes na sala da Decania (ele era Decano do Centro de Letras e Artes, na ocasião) redigindo cartas convite e cartas resposta, naqueles tempos em que sobrevivíamos sem o auxílio de computadores.

Em 1978, fiz o concurso para o Doutorado, solicitei o aproveitamento das disciplinas cursadas a mais durante o Mestrado, o que fez o número de créditos requeridos e permitiu que logo definisse o tema da tese, que versaria sobre as gramáticas portuguesas do século XVI e as influências por elas recebidas de suas congêneres espanholas e francesas. Comecei as leituras, fui definindo metas, desenvolvendo o trabalho até que, mais uma vez, o acaso cruzou o meu destino: Celso Cunha avisou-me que não valeria a pena desenvolver o tema (estávamos já em finais de 1981), porque outra amiga, esta portuguesa, mas também dedicada à filologia, Maria Leonor Carvalhão Buescu, apresentaria, em seu doutoramento, o estudo *Babel ou a ruptura do signo: gramática e gramáticos portugueses do século XVI*. Confesso que fiquei um tanto desorientada, pois, até então, meus interesses giravam em

torno de temas mais propriamente filológicos. No ano seguinte, o Prof. Celso Cunha, também interessado pela dialetologia, sugeriu-me a elaboração de uma monografia nessa linha, apresentando-me temas como a linguagem da cachaça e a do café no Estado do Rio de Janeiro, o que me levou a fazer diversas leituras de caráter etnográfico e a incursionar pelas áreas em que se desenvolviam ou desenvolveram tais atividades, tendo chegado à conclusão de que o pouco que se poderia obter em pesquisa de campo não renderia uma tese. Na ocasião, já me interessava pela fonética e a fonologia e isto, aliado a interesses específicos outros, acabaria por redundar no novo tema da tese.

Para melhor entender a guinada, temos de recuar, novamente, a finais dos anos setenta, inícios dos de oitenta, em que o Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ recebia a constante visita de pesquisadores europeus, naquela fase pelas iniciativas de Celso Cunha. Entre eles, estava Emmanuel Companyns, consagrado dialetólogo e colaborador do *Atlas Linguistique et Ethnographique de la Gascogne*, que sugeriu a elaboração de um atlas linguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro, o que se justificava, como digo em artigo publicado em 2005, “por questões de ordem sócio-histórico-linguísticas, tais como o fato de o Rio de Janeiro estar voltado para o mar, sendo a pesca uma de suas mais tradicionais atividades econômicas; o Estado constituir uma das áreas brasileiras de povoamento mais antigo, sobretudo em sua zona litorânea; o léxico da pesca ser o repositório de um saber popular, calcado na experiência e difundido de geração a geração; as comunidades pesqueiras poderem, por isso mesmo, resguardar formas linguísticas mais conservadoras”. A sugestão foi, nessa ocasião, ainda bem-vinda, porque já havia a experiência baiana (o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* fora publicado em 1963), e a mineira (o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, lançado em 1977), ambas, de certa forma, pioneiras também na tendência à pesquisa em grupo.

Celso Cunha, em 1984, vislumbrou, então, a oportunidade de colocar em prática a sugestão de Companyns: quatro professoras, entre as quais eu me

incluía, abraçaram a ideia de realizarem suas teses na linha dialetológica, com base na fala de comunidades pesqueiras que constituiriam pontos de inquérito do futuro Atlas. Na ocasião, inclusive, estava em andamento, sob a coordenação de Manuel Alvar, o projeto de um atlas que também serviu de inspiração para o projeto e que viria a ser publicado, em 1985, com o título de *Léxico de los marineros peninsulares* (Madrid: Arco/Libros. 4 v.). Foram, desse modo, contempladas as regiões Norte, Noroeste e das Lagunas Litorâneas e atendida uma das recomendações da dialetologia tradicional, a de que atlas linguísticos fossem precedidos da elaboração de monografias dialetais, sobretudo quando não houvesse estudos sobre os falares das regiões alvo. Esboçava-se, assim, a equipe do futuro atlas, que viria a ser coordenado por Celso Cunha e que contaria com mais um integrante.

Minha tese – *O pescador do Município de Campos: universo e linguagem* – acabou por ser oficialmente orientada por Wilton Cardoso de Souza, professor da UFMG, que, em determinados períodos, colaborava com nosso Programa de Pós-graduação, a pedido de Celso Cunha, assoberbado com o número de orientandos. Durante o período, trocávamos cartas (as dele em fino papel *couché*, com monograma) e nos encontrávamos no *hall* de um hotel no centro da cidade, sempre que vinha ao Rio. Guardo dele as melhores lembranças, pela orientação, pela elegância, pela cultura, pelo profundo conhecimento da língua portuguesa.

Em 1990, já apaixonada pela dialetologia e, em particular, pela geolinguística, ousaria submeter o texto de minha tese à editora Ática, que me sugeriu desenvolver o segundo capítulo, o que fiz e acabou por dar origem ao livro *A geografia linguística no Brasil*, publicado na série Princípios (São Paulo: Ática, 1991). Sobre sua repercussão, recorro às palavras de Vanderci Aguilera:

“Algumas datas são bastante significativas para a história da linguística e para os estudos geolinguísticos do Brasil: 1991, 1996, 1998, 2001.

O ano de 1991 marca o lançamento do livro *A geografia linguística no Brasil*, pela Editora Ática, da professora doutora Sílvia Figueiredo Brandão,

que, numa obra sintética, condensa as informações fundamentais para os que se iniciam nesse ramo dos estudos linguísticos. Trata-se de referência obrigatória a todos aqueles que se dedicam aos estudos de variação diatópica" (Apresentação. *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.IX).

Para fechar esse ciclo (sempre em aberto) relativo à formação acadêmica, cumpre dar um salto de vinte anos para mencionar o estágio de pós-doutoramento realizado, recentemente, de setembro a novembro de 2009, com o apoio da CAPES, junto ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, desenvolvendo uma pesquisa de cunho contrastivo entre o Português do Brasil e o de São Tomé, e que mais adiante será objeto de alguns comentários.

## **Passos definitivos**

---

---

No ano de 1989, já atuando há onze anos na graduação da UFRJ, tendo ministrado todas as disciplinas da grade curricular, com o título de Doutor e agora enquadrada no regime de dedicação exclusiva, inaugurava-se nova fase de minha vida acadêmico-profissional, com a inclusão de outras tarefas, tais como o desenvolvimento de projetos em equipe, atividades de orientação, maior participação em eventos científicos, atuação na pós-graduação, desempenho de atividades administrativas e de representação em colegiados. Essa diversificada gama de tarefas não atesta apenas minha trajetória profissional, mas reflete meu compromisso, ao longo dos últimos 36 anos, com os destinos da instituição e, em especial, com os da Faculdade de Letras, no seu papel de formadora de pesquisadores e docentes capazes de atuar nos diversos níveis de ensino, de forma produtiva e inovadora.

A partir deste ponto, sempre que necessário recuando no tempo, os aspectos que constituem parte, sempre parte, das atividades realizadas

serão focalizados em separado para evitar que se embaracem e se perca de vista a importância de cada um deles para o conjunto.

## Pesquisa

---

---

Em 1986, as quatro docentes que desenvolvíamos como tese as mencionadas pesquisas sobre a linguagem dos pescadores e outro colega que tinha a atividade salineira em Cabo Frio como tema da sua<sup>2</sup>, decidimos elaborar a primeira versão do Projeto do *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ), sob a coordenação de Celso Cunha, de modo a discutir, paulatinamente, os parâmetros que o orientariam com base nas experiências com o trabalho de campo que vínhamos realizando para nossas teses.

Só após a morte de Celso Cunha (1989), o projeto ganharia seu perfil definitivo, o que, em parte, se deveu ao interesse na realização também de estudos de cunho sociolinguístico variacionista. Em 1990, mudanças na metodologia inicialmente estipulada foram postas em prática. Além de se manter a aplicação do questionário, decidiu-se (a) realizar elocuições livres, (b) ampliar para seis o número de informantes por ponto de inquérito, (c) distribuí-los por três faixas etárias para (d) apresentar, além de cartas linguísticas convencionais, cartas interpretativas no que toca a algumas variáveis consideradas marcantes para a definição de áreas dialetais brasileiras, acompanhadas de comentários advindos de resultados de estudos na linha sociolinguística variacionista. Buscava-se, em síntese, um enfoque *tridimensional* que permitisse não só visualizar as variantes em sua distribuição *horizontal* (no espaço geográfico) e *temporal* (por faixas etárias), mas também observá-las em *profundidade*, uma vez que, com base nas

---

<sup>2</sup> Os docentes eram PEREIRA, Cilene Cunha (1988) *Os pescadores da Lagoa de Araruama: etnografia e linguagem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado; // SILVA, Edila Vianna da (1989) *O falar dos pescadores de São João da Barra: um estudo etnolinguístico*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado; // SILVA, Maria Emília Barcellos da (1988) *O homem e o mar da Região dos Lagos/RJ*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado // AMORIM, Laerte Carpena de (1988). *As salinas de Cabo Frio*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado

elocuções livres, seriam levadas em conta todas as suas ocorrências no *corpus* (nas elocuções livres) e, conseqüentemente, seriam indicados seus fatores condicionantes.

Esta última decisão implicava elaborar pesquisas pontuais sobre essas variáveis de acordo com a metodologia variacionista, o que, por sua vez, determinou a dilatação do prazo de elaboração do projeto, com o estabelecimento de novo cronograma e a decisão de realizar o Atlas por regiões devido à estreita malha de pontos de inquérito (64 em todo o Estado).

O projeto era, sem dúvida, extremamente ambicioso. Apesar de contarmos com uma equipe de cinco professores e vários bolsistas de iniciação científica, tivemos de optar por concentrar nossos esforços nas regiões Norte e Noroeste do Estado e por formalizar três subprojetos em consonância com as áreas de interesse dos pesquisadores: fonética-fonologia, morfossintaxe e léxico.

Apesar de ambicioso, é importante destacar seu caráter inovador. Iniciado em 1986, numa fase em que a geolinguística, no Brasil, não contava com a visibilidade que tem hoje e eram raros os projetos nessa linha, ousamos propor aliar a metodologia da sociolinguística variacionista à da geolinguística, de certa forma “anunciando” aquilo que seria feito no âmbito do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto iniciado dez anos mais tarde, e cujas primeiras cartas acabam de ser publicadas. Em trabalhos apresentados a congressos (alguns deles publicados), com os recursos de então, pois não dispúnhamos dos aplicativos de informática atuais, delineei cartas linguísticas organizadas segundo índices percentuais e pesos relativos advindos da utilização, na época, do Programa VARBRUL.

Já na coordenação geral do projeto, elaborei o Subprojeto *Aspectos fonético-fonológicos do Projeto APERJ* (1991-2001), embora também colaborasse junto ao Subprojeto *Estudos de Morfossintaxe do Projeto APERJ* (1991-2001), cuja coordenação assumi em 1994, com a aposentadoria de

Edila Vianna da Silva, que havia sido antecederada pela de Laerte Carpena de Amorim, em 1991 e pela de Cilene da Cunha Pereira em 1993. Em síntese, em 1994, a equipe resumia-se a mim e a Maria Emília Barcellos da Silva, que se dedicava a estudos de léxico e que se aposentaria em 2004. Com a drástica redução da equipe, e com o meu interesse cada vez mais centrado no desenvolvimento de estudos na linha sociolinguística variacionista, a elaboração das cartas do atlas tornou-se inviável.

Entre os estudos desenvolvidos por mim e meus orientandos no âmbito dos dois subprojetos encontram-se aqueles que dizem respeito ao /R/, /S/ e /l/ em coda silábica, às oclusivas dentais, à soante palatal, à concordância nominal e verbal, entre outros, todos norteados pela perspectiva sociolinguística laboviana. Resultados de alguns desses estudos serão focalizados nas seções pertinentes a publicações e a orientações.

A história do Projeto APERJ, que procurei delinear em artigo que teve duas publicações (c.f. Brandão, 2005; 2006, no currículo<sup>3</sup>), é bastante curiosa, pois, apesar não ter redundado na publicação de cartas linguísticas, como se esperaria de um projeto dessa natureza, desdobrou-se em outros estudos. Como salientei nesse texto,

Essas pesquisas, em que fica nítida a interface Dialetoologia/Sociolinguística, de um lado, permitem traçar o perfil linguístico da Região Norte-Noroeste do Estado, de outro, representam uma significativa contribuição ao conhecimento da chamada variedade popular ou *substandard* do Português do Brasil, devendo-se observar que, no Estado do Rio de Janeiro, a quase totalidade dos trabalhos existentes sobre a fala de comunidades rurais e semiurbanizadas foi realizada por membros da Equipe APERJ com apoio no *Corpus* coletado no final da década de 80 e inícios da de 90. Aliás, ainda hoje, essa amostra serve de base para pesquisas (estudos específicos, teses), algumas de cunho contrastivo, inclusive em outras perspectivas teórico-metodológicas (BRANDÃO, 2005: 362-363).

Da época em que desenvolvia o Projeto APERJ, guardo as melhores lembranças: pelo entusiasmo dos bolsistas, pelos debates, e, ainda, pelas experiências, digamos, extralinguísticas que nos proporcionou. Descobrimos,

---

<sup>3</sup> Lattes: cv\_4418246461990211

como afirmei no recém-referido texto, entre outras coisas, “que fazer pesquisa na área das Ciências Humanas é um ato político devido aos vínculos que se estabelecem com os indivíduos e as comunidades que fornecem os *corpora*”. Descobrimos, ainda, que, ao registrarmos e analisarmos as características da fala dos pescadores artesanais, estávamos também “registrando uma série de aspectos sócio-culturais que poucas outras áreas do saber, indiretamente, podem revelar com tanto imediatismo e precisão”. Ao pensar nisso, lembro-me sempre das palavras emocionadas com que Luís Filipe Lindley Cintra, em um texto clássico<sup>4</sup> da dialetologia portuguesa, sintetizou o sentimento a que não se podem furtar pesquisadores de campo que convivem com pequenas comunidades e têm no discurso do outro sua fonte de informação e seu objeto de pesquisa. Referindo-se a seus informantes, dizia:

Eles tinham-me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência [...]. Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo de estudos para que a vida me conduziu (CINTRA, 1983: 9)

De 2000 a 2004, coordenei, no Brasil, o *Projeto de Cooperação Internacional CAPES/GRICES Análise contrastiva de variedades do Português – VARPORT* ([www.letras.ufrj.br/varport](http://www.letras.ufrj.br/varport)) em parceria com Maria Antónia Mota, coordenadora em Portugal e vinculada ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

A equipe do *Projeto* constituiu-se de treze docentes brasileiros (alguns ainda doutorandos) e sete portugueses. Do trabalho desenvolvido resultaram várias publicações, seis defesas de tese, parcerias binacionais na orientação de teses, realização de cursos, palestras e conferências no Brasil e em Portugal, o Primeiro Seminário Binacional do Projeto VARPORT e, ainda, o *site*, que

---

<sup>4</sup> CINTRA, Luis Filipe Lindley. 1983. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa



conta com *corpora* de língua falada e escrita que, até hoje, vêm sendo utilizados em pesquisas de diferentes tendências teórico-metodológicas.

De 2005 a 2007, desenvolvi o *Projeto Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Português do Brasil e do Português Europeu*, com o objetivo de dar continuidade, em caráter individual, a uma pesquisa contrastiva sobre sândi externo vocálico. Embora o trabalho não tenha sido publicado, o *corpus* coletado para o PB foi utilizado, com minha anuência, por Vanessa Meirelles de Oliveira, que atuara como bolsista de Iniciação Científica do projeto, na pesquisa *Le sandhi vocalique en portugais*, que desenvolveu para a obtenção do título de Master junto à Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis, em 2009, sob a orientação de M. Joaquim Brandão de Carvalho e na perspectiva da Fonologia do Governo. Aliás, essa mesma orientanda me propiciaria a oportunidade de participar, em 01 dezembro de 2014, como presidente, de sua banca de Doutorado na Université Paris 8, por indicação de sua orientadora, Michela Russo.

Em 2007, em função de querer revisitar, num *corpus* mais atual, algumas variáveis fonético-fonológicas anteriormente focalizadas, animei-me a submeter, pela primeira vez, um projeto ao CNPq e fui contemplada com Bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2 (2008-2011).

*O falar fluminense: perfil geo-sociolinguístico*, em linhas gerais, pressupunha uma (a) vertente macrolinguística, que consistia na organização de um banco de dados sobre as variedades culta e popular da fala fluminense (o Acervo das Variedades Linguísticas Fluminenses - AVAL/RJ), de modo a recolher material atualizado e representativo de 11 comunidades (em 10 Municípios) do Estado do Rio de Janeiro, com informantes selecionados também por critérios de escolaridade, sexo e faixa etária, e uma (b) vertente microlinguística, que dizia respeito ao desenvolvimento de novos estudos sobre o /R/ e o /S/ em coda silábica.

Com um projeto que visava a dar continuidade ao anterior (*O falar fluminense: perfil geo-sociolinguístico – o vocalismo pretônico*) fui novamente contemplada pelo CNPq com bolsa Pq para o triênio 2011-2014.

Atualmente desenvolvo o Projeto *Português do Brasil e Português de São Tomé em contraste: aspectos fonético-fonológicos*, movida pela hipótese geral de que é necessário conhecer as variedades não europeias do português para melhor compreender a variedade brasileira, contribuindo não só para a descrição dessas variedades ainda muito pouco focalizadas, mas, sobretudo, para os debates sobre as origens do Português do Brasil

Além do último dos projetos, de caráter individual, desenvolvo pesquisas como membro da equipe do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, vinculado à ALFAL (Projeto 21) sob a minha coordenação e a de Silvia Rodrigues Vieira, mas inicialmente concebido como Projeto de Cooperação Internacional CAPES/FCT (março de 2008-fevereiro de 2011), sob a responsabilidade desta última pesquisadora e de Maria Antónia Mota (<http://www.lettras.ufrj.br/concordancia>).

No âmbito desse projeto, realizei o estágio de pós-doutoramento já referido. O plano de estudo encaminhado à CAPES, previa o desenvolvimento de pesquisa de natureza sociolinguística variacionista sobre a concordância nominal de número nas variedades brasileira, angolana e moçambicana do Português, com o objetivo de estabelecer e contrastar padrões variantes de concordância nominal que pudessem contribuir não só para determinar a existência ou não de diferentes gramáticas em coexistência e em concorrência nos distintos espaços em que se fala o Português, mas também para discutir diferenças/semelhanças no processo histórico de constituição dessas variedades.

Ao chegar a Lisboa, tive de reformular a pesquisa (o que logo me lembrou a saga do mestrado e do doutorado), tendo em vista que verifiquei que as entrevistas disponíveis no Centro de Linguística (CLUL) e referentes a

Moçambique não estavam devidamente identificadas quanto às características dos informantes e as relativas a Angola eram em número insuficiente para atingir os objetivos traçados. Para que se mantivesse o princípio de comparação entre variedades do Português de acordo com os parâmetros definidos para a seleção de informantes, decidi focalizar a variedade de São Tomé, que contava com uma significativa amostra organizada em 2009 por Tjerk Hagemeijer, crioulista holandês que atua no CLUL e que disponibilizou 30 entrevistas para a elaboração do estudo.

Os resultados iniciais referentes à concordância nominal nas variedades faladas do Brasil (PB) e de São Tomé (PST) foram divulgados no Seminário Binacional do Projeto, realizado no CLUL, no período de 04 a 06 de novembro de 2009, e em palestra realizada no Seminário de Mestrado vinculado ao Curso de Pós-graduação da Universidade de Lisboa. Em 2010, resultados mais consistentes foram levados ao *Congresso Internacional Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*, que teve lugar em Braga e, em 2011, publicados com o título "Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências" no vol. 15, nº 1 da Revista *Veredas*, editada pela UFJF (<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/Artigo-19-Silvia-Brandão-Paginação.pdf>).

A análise permitiu constatar que o PB e o PST, no que respeita à concordância nominal, compartilham fatos linguísticos e sociais em suas variedades urbanas, havendo em comum, como sintetizo nas conclusões:

- (a) padrões variáveis que vão da categoricidade da marcação de plural em todos os constituintes à marcação apenas no primeiro deles, não se observando estrutura(s) que seja(m) privativa(s) de uma das variedades;
- (b) fortes restrições não só de ordem estrutural, como a que diz respeito ao cancelamento da marca de plural segundo a posição linear e relativa do constituinte no SN, mas também de natureza social, entre as quais se destaca a maior ou menor exposição do indivíduo à educação formal;
- (c) índices bastante aproximados no que concerne à atuação dos fatores que compõem três das cinco variáveis que se mostraram atuantes para o cancelamento;
- (d) a significativa atuação dos fatores sociais: *nível de escolaridade* em ambos os casos, *faixa etária* no PB e *gênero* no PST;

(e) o caráter semicategórico da aplicação da marca de plural entre os indivíduos mais escolarizados, sobretudo em São Tomé, em que a norma de referência é o Português Europeu;

(f) indícios de que a marca de número tem como *locus* preferencial a margem esquerda do SN, onde se concentram os determinantes, e que sua maior ou menor incidência nos demais constituintes depende do maior ou menor grau de escolaridade do falante ou, em outros termos, de seu maior ou menor conhecimento das normas de prestígio (p. 175).

O estudo sobre a variedade de São Tomé teve desdobramentos, com o alargamento do número de informantes de escolaridade fundamental e média e, mais recentemente, com uma análise que leva em conta apenas indivíduos de 10 a 18 anos que se encontram em processo de escolarização.

Desde 2009, participo, na qualidade de coordenadora nacional, em parceria com Vanderci Aguilera, do Projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galelo e Português*, cuja coordenação geral está vinculada ao Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, e que conta com a participação de três comitês (galego, português e brasileiro). O comitê brasileiro conta com subcomitês distribuídos pelas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, de que participam pesquisadores das principais instituições de ensino superior do país (cf. Diretório de grupos de pesquisa do CNPq).

Com esse projeto, visa-se a integrar, em um único banco de dados informático, materiais lexicográficos com referenciação geográfica procedentes de distintas fontes: *corpora* obtidos em trabalhos de campo, materiais dispersos em obras dialetais, vocabulários de falares, etc. Muitos desses materiais estão inéditos e, por esse motivo, são de difícil acesso à comunidade científica. A base de dados, em breve acessível pela Internet, terá toda a informação organizada em lemas, com acesso às distintas variantes registradas para cada lema (fônicas, morfológicas) e com possibilidade de conhecer todos os lemas registrados para expressar um conceito. A consulta, *on-line*, permitirá não só localizar todos os lemas e suas variantes nas distintas fontes, mas também obter fielmente toda a informação bibliográfica e lexicográfica nelas contida: autor, título, data,

página; formas, categorias, definições, localização, etnografia, imagens, usos, fraseologia, informações linguísticas. Do ponto de vista lexicográfico, constitui um grande dicionário de dicionários, não uma mera soma de glossários independentes. A apresentação permitirá, também, obter a cartografia automática das variantes e dos lemas selecionados (Galiza, Portugal, Brasil), para conhecer a distribuição geográfica das formas.

Na qualidade de consultora sobre o falar carioca, colaboro, ainda: (a) em parceria com João Antônio de Moraes, com o Projeto *Portuguese Unisyn Lexicon* (LUPo), vinculado ao ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Aplicada, de Lisboa) e coordenado por Simone Ashby, e que visa a criar um conjunto de regras de pronúncia que permita gerar realizações fonéticas específicas das diferentes variedades do português; e (b) do Projeto Probravo (Projeto de Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português), desenvolvido na UFMG sob a coordenação de Seung Hwa Lee e Marco Antônio de Oliveira.

## **Produção Científica**

---

---

Como consequência natural das atividades de pesquisa, a maior parte da produção científica reflete a opção por estudos nas linhas geolinguística e sociolinguística, centrados, em especial, em aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

A Geolinguística, em que pese sua longevidade, tem inúmeros méritos, entre os quais o de ter inaugurado a prática de pesquisa de campo, de organização de *corpora*, de observação da língua em sua dinâmica, apresentando uma visão global da variação num determinado território, dando margem a inferências de natureza histórico-social, chamando a atenção para questões relativas a limites dialetais, a processos de mudança,

à difusão de formas e sons. A Sociolinguística, por sua vez, enseja conhecer em profundidade as variáveis linguísticas que se mostram relevantes nas comunidades de fala, permitindo verificar, em detalhe, as motivações estruturais e sociais que determinam a implementação das variantes e conduzem os processos de mudança.

Geolinguística e Sociolinguística são, hoje, áreas que se podem considerar complementares, como demonstra a recente publicação (2006) do *The Atlas of North American English Phonetics, Phonology and Sound Changes*<sup>5</sup>, que tem entre seus idealizadores William Labov, que no estudo sobre Martha's Vineyard (1972), que se tornou um clássico da sociolinguística variacionista, destacava a importância dos materiais do *Linguistic Atlas of New England-LANE* (KURATH, Hans. 3 vols., New York, 1939–43) como base para o desenvolvimento de sua pesquisa.

Assim, beneficiando-me das inúmeras contribuições da dialetologia tradicional e da que hoje se pratica em novas bases, tenho buscado, com apoio nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, fazer a análise de fenômenos variáveis que merecem ser observados em profundidade em seus aspectos estruturais e diatópico-diastráticos. Poderia, portanto, afirmar que meus trabalhos se inserem numa área híbrida, a que denominaria de geo-sociolinguística.

A título de exemplificação dos temas em torno dos quais venho desenvolvendo pesquisas, seleciono e comento aqui algumas publicações e, a seguir, destaco eventos científicos a que apresentei comunicações.

Dentre os livros, destacaria, como o mais relevante, *A geografia linguística no Brasil*, de autoria individual e já mencionado. Há, ainda, dois outros que organizei, e que resultaram de experiências bem sucedidas de trabalho coletivo.

*Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*, publicado em 2004, resultou de dois cursos de extensão coordenados por Silvia Rodrigues

---

<sup>5</sup> Labov's Home Page: [www.ling.upenn.edu/~wlabov/](http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/) (acesso em 01/8/ 2007)

Vieira (que comigo organizou a publicação), dos quais participei e que envolveu, ao todo, onze docentes-pesquisadores do Setor de Língua Portuguesa. Frente ao sucesso dos cursos e devido à sua proposta inovadora, incentivei os colegas a se reunirem para elaborarem uma coletânea, uma vez que os temas neles abordados, com base no confronto entre a tradição gramatical e os resultados de pesquisas linguísticas, tinham muito a contribuir para a renovação do ensino de língua materna. O livro, cuja edição inaugural se esgotou ainda no primeiro semestre de 2004, foi de pronto adotado como bibliografia básica para a seleção aos cursos de Pós-graduação da UFBA e da UFRJ. Esse livro, com alguns ajustes que lhe imprimiram maior unidade, foi publicado com o título *Ensino de gramática: descrição e uso*, em 2007, pela Editora Contexto e já está em sua segunda edição (2010). Num dos capítulos dessa obra, coube-me tratar da concordância nominal.

*Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*, de 2003, que organizei juntamente com Maria Antónia Mota, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, apresenta, em nove capítulos, os resultados das pesquisas realizadas no âmbito do Projeto VARPORT, de Cooperação Internacional CAPES-GRICES, por nós coordenado, entre elas incluídas as de cinco doutorandas que integravam a equipe. Os estudos, desenvolvidos por pesquisadores brasileiros e portugueses, concentram-se nas áreas da Morfossintaxe e da Fonologia e concorrem para o debate sobre a existência ou não de duas gramáticas (a europeia e a brasileira) do Português. Num dos capítulos do livro, em colaboração com Maria Antónia Mota e Cláudia de Souza Cunha, analiso o –R em coda silábica nas variedades culta e popular do PB e do PE com base em entrevistas do *Corpus VARPORT*. O site do Projeto, organizado por mim e pela Profa. Dra. Maria Fernanda Bacelar do Nascimento do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa ainda está disponível na web.

Dos artigos em periódicos, a maior parte deles publicada em revistas Qualis A, priorizo os mais recentes, embora mencione alguns mais antigos por sua representatividade em referência às minhas atividades de pesquisa.

Os anos de 2012 e 2013 foram particularmente produtivos e significativos em termos de publicações, algumas delas em parceria.

Destaco, inicialmente, o artigo *Patterns of plural agreement within the Noun Phrase*, publicado no *Journal of Portuguese Linguistics* (12 (2): 51-100, 2013), em que faço uma síntese das análises sobre concordância nominal na fala das regiões metropolitanas de Lisboa, Rio de Janeiro e São Tomé, que realizei entre 2009 e 2013, e cujos resultados parciais foram sendo divulgadas em eventos científicos e em alguns outros textos. Também vinculados ao Projeto Concordância, há dois artigos com a colaboração de Silvia Rodrigues Vieira, um publicado em um número especial da Revista Alfa (v. 56, n. 3: 1035-1064, 2012) – Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português, –, outro veiculado na revista *Papia* (v. 22, n. 1: 7-39, 2012) – A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística.

Também em 2012, saíram três outros artigos, estes vinculados ao Projeto de pesquisa finalizado em fevereiro de 2014 e que tinha como foco o vocalismo: *Vogais médias pretônicas em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro* (*Letras & Letras* v. 28, n. 1: 244-256), de que foram coautoras uma orientanda de mestrado e uma de iniciação científica, e dois artigos sobre vogais médias postônicas em contexto medial de sílaba, ambos com a colaboração de Alessandra de Paula Santos, orientanda de doutorado: *Sobre vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Rio de Janeiro* (*Letras de Hoje*, v. 47, n. 3: 275-282) e *Assimetria do quadro vocálico em contexto postônico não final: aspectos diacrônicos e realidades sincrônicas* (*SIGNUM: Estudos da Linguagem*, n. 15 (1): 129-149).



Embora haja publicações datadas de 2011, 2010, 2009 e 2008, recuo no tempo, para mencionar outros artigos.

Em "Um estudo variacionista sobre a lateral palatal" (*Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n.3: p. 89-99), não só apresento os fatores estruturais que concorrem para a implementação das variantes [ʎ], [j] e [l], [j] na fala do Norte e Noroeste fluminense, mas também, com base na distribuição das variantes na fala de cada informante, sugiro a existência de dois padrões básicos de variação de (ʎ):

O padrão não-marcado socialmente, incluiria, além da variante [ʎ], as variantes [l], quando seguida de [i] – fo[l]inha, por exemplo – e/ou [j], estas últimas consideradas por Camara Jr. "típicas da variedade relaxada" [...]. Tal combinação aparece na fala de 13 informantes (17%): [ʎ] ~ [j], na de nove indivíduos, [ʎ] ~ [j] ~ [l], na de quatro.

O padrão marcado socialmente seria aquele em que, além das três ou de uma ou duas das referidas variantes, se encontram o cancelamento ( como em [mi'ɔ] ), a variante [j] e o [l] diante de vogais diferentes de [i] ( como em [mu'le] ), por exemplo, o que ocorre na fala de 65 informantes (83%), gerando dezesseis tipos de combinações.

Ressalte-se que variantes aqui consideradas socialmente marcadas se observam nas etapas iniciais de aquisição da lateral palatal. Como demonstrou Hernandorena (1997), quando não se verifica o apagamento, a criança concretiza-a, em qualquer contexto, inicialmente, como [l] (até os 2:4 ou 2:5 anos) e, em seguida, como [j] (até 2:8, 2:9 anos). Só por volta dos 3:6-3:7 anos, começa a implementar [j], que, como se observa nos corpora aqui focalizados, concorre, em qualquer dialeto, com a variante [ʎ]

(p. 97)

A variável (ʎ) foi também tema de um capítulo de livro "Sobre a lateral palatal no Português do Brasil" (In: ASSIS, Rosa (org). *Estudo de língua portuguesa (e de todas as línguas que fazem a nossa)*. Belém-PA: Unama, 2006. p. 63-86.), em que procuro indicar os fatores que concorrem para as suas diferentes formas de concretização com base em corpus selecionado de quatro atlas linguísticos e em estudo de natureza sociolinguística sobre a fala de comunidades da Região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro.

No artigo “Nas trilhas do R retroflexo” (*Signum Estudos da Linguagem*, Londrina, v.10, n.2: p. 265-283), focalizo esse rótico, que muito tem chamado a atenção dos linguistas brasileiros – que vêm tentando caracterizá-lo do ponto de vista tanto fonológico quanto sócio-histórico –, e que me interessa, em particular, pelo fato de tê-lo registrado na fala de indivíduos que serviram de informantes não só para minha pesquisa de tese, no Município de Campos, mas também para o Projeto APERJ. Na época em que realizei as gravações, não imaginava que o encontraria nas regiões Norte e Noroeste do Rio de Janeiro, tendo em vista que o R retroflexo foi, durante muito tempo, apenas mencionado como característico do chamado dialeto caipira (Amaral, 1920). Meio século depois, Rodrigues (1974) demonstrou que, ao contrário do que julgava Amaral, que previa o desaparecimento daquele falar a curto prazo, ainda se registravam, com vitalidade, em Piracicaba, algumas das variantes por ele descritas, entre as quais a retroflexa. Dentre os que dela primeiro se ocuparam encontram-se Silva Neto (1956, 1960) e Melo (1975), que se restringem a mencionar sua principal área de ocorrência – sul e norte de São Paulo, sul de Mato Grosso, Goiás e norte do Paraná – e a levantar hipóteses sobre seu ponto de difusão (São Paulo) e meio de penetração (as entradas e bandeiras) por outras áreas do território brasileiro.

No artigo, portanto, procurei fazer o levantamento de registros de sua ocorrência (sem discriminar suas manifestações como tepe retroflexo ou como aproximante retroflexa), bem como dos contextos em que incide e, com base nesse levantamento, realizado em trabalhos de diferentes épocas e orientações metodológicas, indicar, num mapa, suas áreas de abrangência.

“O processo de palatalização no português do Brasil”, escrito em coautoria com Dinah Callou (*Linguística*, 18: 57-73, 2006), trata do processo no âmbito do /S/ em coda silábica e das oclusivas /t/ e /d. Também nesse artigo, apresenta-se um mapa, com a distribuição regional das variantes e que leva em conta os índices de frequência de cada uma delas obtidos nos estudos

sobre as falas culta e popular que serviram de base ao trabalho. Afirma-se, ao final, que

“não há necessariamente uma coincidência entre a palatalização em coda e em ataque, uma vez que variantes alveolares de /S/ coexistem com a palatalização de /t/ e /d/ e vice-versa, o que dificulta o traçado de isófonas absolutas. Na verdade, no português do Brasil, a variabilidade é flagrante em todos os dialetos e possíveis áreas dialetais só se definem por meio de diferentes índices de frequência de determinada variante (p. 70).

Como se pode observar, uma variável que me atrai, de forma particular, é o /S/ em coda silábica, objeto de comunicações a congressos e publicações como “Variação em coda silábica na fala popular fluminense” (*Revista da ABRALIN*, v. 7, nº 1, 2008. p. 177-190) e “S em coda silábica interna à luz da geo e da sociolinguística” (*Revista Signum Estudos da linguagem*, v. 12, nº 1. 2009. p. 103-122). No primeiro deles, faço uma análise variacionista da realização de S em coda de sílaba interna com base na fala de onze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, levando em conta as elocuições livres do *Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ*. No segundo, comparo essa análise a outra baseada nos dados desse atlas, coletados por meio da aplicação do questionário, no intuito de ressaltar o caráter complementar dos dois procedimentos analíticos.

Também sobre o /S/ é um capítulo de livro, ainda no prelo, a ser publicado em Belém, “A variável (S) na fala do Estado do Rio de Janeiro”, em que procuro ampliar a isófona traçada, no *MicroAFERJ*, por Fabiana Almeida, com base em outros estudos realizados sobre o tema.

Em 1996, Dinah Callou, Giselle Machline de Oliveira e Silva, Maria Cristina Rigoni Costa e eu desenvolvemos um trabalho que tinha por objetivo verificar se haveria diferentes estratégias argumentativas no âmbito das falas culta e popular, com base em entrevistas dos Projetos NURC, PEUL e APERJ, o que redundou num trabalho bastante interessante, que teve duas publicações: no *Boletim da ABRALIN*, (17: 92-94, jul 1995) e nas atas do XI

Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, (Lisboa, Portugal, 1995. /Atas.../ Lisboa, Colibri-Artes Gráficas, 1996. V. 1 *Corpora*. p. 397-406).

Dos capítulos de livros publicados, destaco *Réalité sociolinguistique brésilienne et géolinguistique pluridimensionnelle*, publicado, em 2013, em *Current approaches to limits and areas in Dialectology* (Cambridge: Cambridge Schollars Publishing, p. 3-26), em que discuto questões relativas a variáveis extralinguísticas que se têm mostrado significativas para a implementação de variantes no Português do Brasil, no intuito de ressaltar a importância da realização de atlas de natureza pluridimensional, tendo em vista a multifacetada realidade sociolinguística brasileira. Para esse trabalho, originalmente apresentado, em 2011, ao Symposium International sur les Limites et les Aires en Dialectologie, na Universidade de Lisboa, elaborei cinco cartas sintéticas sobre o /S/ em coda interna com base em dados registrados no *MicroAtlas Fonético de Estado da Guanabara* (Almeida, 2008), com o objetivo de ilustrar a referida discussão.

Em “A fala popular do Estado do Rio de Janeiro numa perspectiva geo-sociolinguística” (In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niteroi: EdUFF, 2008. p. 268-284), busquei descrever, de forma sintética, a fala popular do Estado do Rio de Janeiro, com base nos resultados de estudos de cunho fonético-fonológico realizados com o *Corpus APERJ*, privilegiando observações de natureza geo-sociolinguística. Tais resultados advieram tanto das dissertações de três de meus orientandos que focalizaram o –S em coda silábica, a palatalização das oclusivas dentais diante de [i] e a lateral anterior em coda silábica e em grupo consonantal, quanto de estudos por mim realizados sobre o –R em coda silábica e a lateral palatal.

Tais variáveis foram privilegiadas por se virem mostrando fundamentais para a caracterização das áreas dialetais brasileiras, como o indicam estudos realizados nas mais diferentes regiões do país; por apresentarem grande

polimorfismo de concretizações, dentre elas encontrando-se variantes socialmente prestigiadas ou estigmatizadas, algumas das últimas atribuídas à origem rural dos indivíduos ou a seu baixo nível de escolaridade, o que as torna, conseqüentemente, marcas identificadoras de tais grupos de falantes; por permitirem detectar e aferir processos de variação estável e de mudança em curso, concorrendo, de um lado, para o estabelecimento de áreas mais inovadoras ou conservadoras, de outro, para a discussão de questões de ordem teórico metodológica.

Nas conclusões, procurei demonstrar que (i) na fala das treze comunidades que integram a Região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro: (a) constitui norma a concretização de –S em coda silábica como fricativa alveolar, embora se observe o processo de palatalização, condicionado por fatores estruturais e extralinguísticos; (b) a palatalização de –S é mais frequente nas localidades mais urbanizadas, sobretudo entre falantes mais jovens; (c) predominam as variantes [-ant] de –R em coda silábica – fricativas velar e glotal –, embora entre falantes mais velhos de comunidades rurais, as variantes [+ant] – tepe, vibrante alveolar, aproximante retroflexa – se mostrem bastante produtivas; (d) pode-se traçar uma isófona geotária das variantes [+ant] de R pós-vocálico que congrega os falantes mais velhos da área litorânea e que se interioriza abarcando os indivíduos de todas as faixas etárias da comunidade de Ponta Grossa dos Fidalgos; (e) a vocalização da lateral anterior em coda silábica predomina em todas as áreas, embora se registre sua permuta por segmentos consonantais, o que é mais frequente na fala de indivíduos com mais de 56 anos e analfabetos; (f) o rotacismo em ataque silábico complexo, embora menos produtivo do que a manutenção de /l/, predomina entre falantes analfabetos da faixa etária intermediária; (g) a lateral posterior é predominantemente produzida como palatal, embora se observe sua concretização como [lj] e [j], a primeira uniformemente distribuída por todas as gerações, sobretudo na área litorânea, a última, mais frequente na fala dos indivíduos mais velhos e na zona interiorana; (h) as oclusivas dentais apresentam polimorfia de

realizações, embora seja norma sua concretização como africada pós-alveolar.

Por meio das análises empreendidas procurei demonstrar, ainda, que poucos são os fenômenos variáveis, no âmbito fonético-fonológico, que apresentam apenas motivações de natureza estrutural, sendo de grande importância para o conhecimento das opções do falante o controle de variáveis como *faixa etária, nível de instrução, gênero e, ainda, área geográfica*; que as normas de pronúncia de grande parte do Estado não se identificam integralmente com as observadas na cidade do Rio de Janeiro e seu entorno, pelo menos no que toca ao –R e –S em coda silábica; que é imprescindível realizar pesquisas no âmbito da fala popular para melhor conhecer a realidade linguística fluminense e, com base nelas, buscar as macromotivações sócio-político-culturais determinantes das variações registradas.

*“Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA<sup>6</sup>”* foi elaborado em co-autoria com Maria Luiza de Carvalho Cruz, cuja tese, como já afirmei, foi por mim orientada.

No trabalho, observamos que as cartas que contemplam essas variáveis

confirmam a existência, na fala amazonense e na paraense, de vogais abertas em situação pretônica, como sugerira Nascentes na sua proposta de divisão do Brasil em áreas linguísticas. No entanto, guardadas as devidas diferenças quanto à constituição das amostras, ao número de dados e ao enfoque teórico-metodológico, os índices percentuais registrados nos corpora referentes aos dois atlas em relação a [ɛ] (28,50%, no ALAM; 36%, no ALISPA) e a [ɔ] (18,35%, no ALAM; 21,10%, no ALISPA) diferem, significativamente, daqueles obtidos, por exemplo, em pesquisas sobre falares em que essas variantes também se mostram produtivas, como o de SILVA (1991), sobre a fala de Salvador, em

---

<sup>6</sup> CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. 2004. *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. 2 v. Vol 1:159 p. Vol 2, tomo 1: Introdução; tomo 2: Cartas fonéticas e Cartas semântico-lexicais; RAZKY, Abdelhak. 2004. *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA 1.1*. CD-ROM. Windows.

que os segmentos incidem, respectivamente, em 60,30% e 57,80% dos dados. (p. 299)

Sobre o vocalismo do PB, há o trabalho “O comportamento das vogais médias postônicas não finais na fala fuminense”. (In: HORA, Dermeval da. (org.). *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 101-110), em coautoria com Alessandra de Paula Santos, que, mais tarde, desenvolveu o tema como dissertação de mestrado.

O -R em coda é outra variável que tem ocupado minha atenção. Juntam-se ao capítulo já referido num dos livros por mim organizados, textos mais antigos, como “Aspectos sociolinguísticos de um dialeto rural” (In: HORA, Dermeval da (org) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 61-69) e “O /R/ implosivo no Norte do Estado do Rio de Janeiro. (In: PEREIRA, Cilene C. & PEREIRA, Paulo R. D (org.) *Miscelânea de estudos linguísticos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995. p. 49-58) e um mais recente – “Variantes [+ant] de R na fala fluminense”, publicado nos Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN (João Pessoa. Ideia, 2009. v. 1. p. 2685-2692). No momento, uma orientanda de iniciação científica trabalha com o tema na comunidade de Nova Iguaçu-RJ.

No âmbito da morfossintaxe, como já disse, tenho desenvolvido estudos sobre concordância nominal.

Em 1994, no artigo intitulado *Em torno de um velho tema: o cancelamento da marca de número na fala das comunidades rurais brasileiras*, publicado na *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (v.12, dez. p. 50 – 57) apresentei resultados sobre uma pesquisa com base no Corpus APERJ, que mais tarde seria desenvolvida como dissertação de mestrado por Evanilda Marins Almeida (1997). De 1999, ano em que juntamente com essa orientanda publiquei, nos Anais da ASSEL-Rio, o estudo *Ainda sobre a concordância no sintagma nominal*, centrado na análise dos sintagmas de mais de dois constituintes, até 2003, não mais tratei do tema, que viria a

revisitar por conta de um curso de extensão de que participei nesse ano e que seria o germe do capítulo sobre concordância nominal que elaborei para o livro *Ensino de gramática: descrição e uso*, aqui já referido. O tema voltaria a ser explorado com maior intensidade em decorrência do projeto de pesquisa já mencionado.

Ainda no que concerne a capítulos de livros, cabe referir "Aspectos morfossintáticos da fala de comunidades pesqueiras: um estudo variacionista", em coautoria com Silvia Rodrigues Vieira. (In: GROßE, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus (org.) *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 227-254); e "Em torno de um velho tema: o cancelamento da marca de número na fala das comunidades rurais brasileiras", este publicado na *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, (Lisboa, 12: 50-57, 1994) e outros divulgados em anais de congresso e/ou apresentados em eventos científicos.

Vale lembrar, ainda recuando no tempo, "As estruturas de complementação na fala standard e não standard do Rio de Janeiro", em coautoria com Dinah Callou e Maria Eugênia L. Duarte (In: GROßE, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus (org.) *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 189-205), em que analisamos o tema com base em entrevistas dos projetos NURC, PEUL e APERJ, em que, entre outras considerações finais, afirmamos que, do ponto de vista sociolinguístico, havia nas variedades socioculturais consideradas, "uma distribuição regular e bastante aproximada dos argumentos por tipo de predicador, bem como tipologia comum de estruturas, o que talvez espelhe a grande interação entre os diferentes estratos da população, que se verifica na sociedade brasileira" (p. 203-204).

No âmbito propriamente da geolinguística, além de comunicações a congressos sobre vários aspectos relacionados ao APERJ, escrevi dois textos que me agradam de modo particular: (i) "Geolinguística no Brasil: resultados e perspectivas" (Terceira Margem, nº 3, 1995), em coautoria com João



Antônio de Moraes, em que tecemos considerações de natureza metodológica sobre os atlas linguísticos até então publicados e apresentamos sugestões para a elaboração de futuros projetos; (ii) "Rede de localidades para a elaboração de um atlas linguístico nacional: considerações iniciais", apresentado em mesa-redonda em *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*. Seminário Nacional. (Salvador: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 1996), que foi anexado aos documentos preparados para o seminário.

Também vinculado a minhas pesquisas, encontra-se o verbete *Português do B[rasil] (Variações)*, em coautoria com Afrânio Gonçalves Barbosa, que integra o *Dicionário temático da lusofonia*, obra idealizada em 2000, mas só publicada, em Lisboa, em 2005, pela Associação de Cultura Lusófona (ACLUS) e pela Textos Editores.

Entre 1986 e 1999, a maior parte de meus trabalhos foi publicada em anais de congressos realizados no Brasil e no exterior, o que, nessa época, era prática muito comum e valorizada, talvez pelo fato de não haver um número tão grande de eventos científicos em nossa área como há hoje em dia. Nesses artigos encontram-se, basicamente, resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto APERJ.

Ressalto que o que aqui comentei não constitui a totalidade de trabalhos publicados sobre temas de meu interesse específico. Há outras publicações que decorreram de atividades de natureza diversa por mim desenvolvidas e que serão mencionadas oportunamente.

Quanto à participação em eventos científicos, muitas foram as comunicações apresentadas no Brasil e no exterior, como se poderá comprovar pelo currículo. Dentre eles, destacaria (i) o *XX<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie romanes* (Bruxelas, 1998), em que não apenas apresentei a comunicação "Sobre a palatalização num dialeto brasileiro", mas presidi, a convite dos organizadores, a seção (o

conjunto de sessões) de *Retórica, Semiótica e Estilística*; (ii) dois colóquios, realizados em Berlim, em virtude dos objetivos que nortearam sua organização: *Substandard e mudança linguística no português do Brasil* e *Projetos de investigação linguística sobre o português do Brasil*. Os eventos, que se realizaram, em anos consecutivos (1997 e 1998), no Ibero-Amerikanisches Institut, e de que participaram apenas investigadores, especialmente convidados, que se dedicavam a estudos sobre o Português do Brasil, reuniram pesquisadores brasileiros e alemães e se pautaram pelo debate sobre questões relativas às variedades culta e popular e aos projetos àquela época em andamento em universidades dos dois países. O intercâmbio científico foi extremamente proveitoso e os resultados das reuniões acabaram por gerar dois livros publicados na Alemanha; (iii) pelo caráter multidisciplinar, minha participação, como expositora, na mesa redonda “Diversidade Social e Variação Linguística” durante a *XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe*, realizada em Salvador (1996) e no *Workshop Baía da Ilha Grande: prosperidade e preservação* (1994), promovido pelo IPPUR-UFRJ, que reuniu, especialistas de diferentes órgãos da UFRJ: CCS, IFCS, COPPE, Museu Nacional, entre outros; (iv) pelo caráter fundador do evento, a atuação, em duas mesas redondas, no *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* (UFBa, 1996), em que se definiram as bases do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil); (v) no III SIMELP, promovido pela AILP e a Universidade de Macau, em 2011, pelo fato de ele ter sido organizado pelo meu primeiro bolsista de Iniciação Científica (1989), Roberval Teixeira e Silva; (vi) os dois últimos congressos promovidos pela ALFAL, o realizado em Alcalá de Henares, em 2011, e o que teve lugar em João Pessoa, em 2014, em que coordenei, juntamente com Silvia Rodrigues Vieira, as sessões do Simpósio sobre concordância relacionado ao Projeto 21, em que se definiram estratégias para a realização conjunta de pesquisas sobre o tema. Como consequência desses dois encontros, organizou-se o número 7 dos Cadernos da ALFAL (programado para janeiro de 2015), com o tema *Padrões de concordância em variedades do Português*, o primeiro

dedicado à língua portuguesa, e do qual participam, além de dez pesquisadores brasileiros, Maria Antónia Mota, da Universidade de Lisboa, e Perpétua Gonçalves, da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique

## Orientação

---

---

A orientação acadêmica permite não só acompanhar, num curto espaço de tempo, o amadurecimento intelectual dos pesquisadores em formação, mas também propicia uma experiência que não se esgota no tempo de duração da pesquisa: estabelecem-se laços afetivos que redundam, por vezes, em futuras parcerias acadêmicas.

Desde 1989, venho, sistematicamente, orientando pesquisas, em nível quer de iniciação científica (vinte), de tutoria e de monitoria de disciplina, quer de mestrado (onze) e de doutorado (sete). Meus três primeiros orientandos de iniciação científica desenvolviam tarefas relativas ao *corpus* do Projeto APERJ, como foi o caso de Roberval Teixeira e Silva, o primeiro deles, hoje atuando na Universidade de Macau como coordenador do Mestrado em Língua Portuguesa e, em 2010, indicado para a presidência da AILP (Associação Internacional de Linguística do Português)

Considero a fase de desenvolvimento do Projeto APERJ extremamente proveitosa quanto a atividades de iniciação científica. Os graduandos vinculados aos diferentes docentes da equipe passaram por todas as experiências de pesquisa, entre as quais o trabalho de campo, a participação em reuniões para debate de questões metodológicas e em eventos científicos. Como disse um querido amigo meu, o projeto não se completou, mas "escreveu gente", isto é, propiciou a eclosão de talentos para a docência e a pesquisa. Três dos docentes da nossa Graduação e do nosso Programa de Pós-graduação – Silvia Rodrigues Vieira, Márcia

Machado dos Santos Vieira e Silvia Regina Cavalcante – foram bolsistas de Iniciação Científica junto ao Projeto. A primeira delas orientei no Mestrado e Doutorado, a segunda, só no Doutorado. Outra docente, Eliete Figueira Batista da Silveira, que se iniciou junto ao Projeto NURC, também foi minha orientanda de Mestrado e de Doutorado. Mais recentemente, a elas se juntou Danielle Kelly Gomes, orientanda de Doutorado, agora também colega.

A primeira dissertação de Mestrado por mim supervisionada – e defendida em 1993 – foi a de Eline Maria Bulcão, que, com a aposentadoria de Maria de Nazaré Lins Soares, ficou sob minha responsabilidade e versou sobre glossários regionais nordestinos.

A grande maioria das dissertações e teses que orientei representa desdobramentos de pesquisas de iniciação científica, pois tenho como princípio desenvolver, em conjunto com os orientandos de IC, estudos a serem aprofundados, mais tarde, como dissertações e teses. Exemplos desse método, entre outros, são as dissertações de Vivian de Oliveira Quandt sobre a lateral anterior, a de Sandra Helena Arouca Rodrigues, sobre o –S em coda e a de Sérgio Drummond Madureira Carvalho, sobre a palatalização de /t/ e /d/, temas que também foram objeto de artigos por mim publicados.

Tenho, por vezes, como parceiro de orientação, João António de Moraes, quando os temas das dissertações ou teses requerem uma abordagem no âmbito da Fonética Acústica e talvez tenha sido a primeira docente do Programa a orientar teses em parceria com pesquisadores portugueses, o que decorreu do estreito relacionamento entre os membros da equipe binacional do Projeto VARPORT. As recém-mencionadas Silvia Rodrigues e Márcia Machado, que trataram, respectivamente, da ordem e estatuto dos clínicos nas variedades brasileira, europeia e moçambicana do português e da *sintaxe e semântica de predicacões com verbo fazer*, tiveram como co-orientadora Maria Antónia Mota, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Danielle Kelly Gomes, também desenvolveu a parte

acústica de sua pesquisa de tese, no que concerne ao Português Europeu, sob a supervisão de Amália Andrade, do CLUL.

Procuro incentivar meus orientandos a fazerem estágios de doutorado sanduíche, como foi o caso de Fabiana da Silva Campos Almeida, Maria Luiza de Carvalho Cruz (que atua na Universidade Federal do Amazonas) e Evanilda Marins Almeida, as duas primeiras orientadas no CLUL por João Saramago, a última por Maria Antónia Mota.

Sobre as teses de Fabiana (*MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro-MicroAFERJ*, 2010) e Maria Luiza (*Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM*, 2004) e, ainda, a dissertação de Luciana Gomes de Lima (*Atlas Fonético do entorno da Baía da Guanabara-AFBeG*, 2006), cabe uma observação de caráter afetivo, no que este adjetivo se refere a afeição no sentido de 'inclinação, pendor para alguma coisa'<sup>7</sup> Por meio desses três trabalhos, cuja orientação em muito se beneficiou de minha experiência como coordenadora e integrante do Projeto APERJ, bem como do meu entusiasmo pela Geolinguística, pude ter o prazer de ver concluídos, em curto espaço de tempo e segundo critérios que considero adequados a tal tipo de análise, não apenas um, mas três atlas linguísticos. Por vezes, é preciso esperar alguns anos para que desejos (metas) acadêmicos se concretizem.

## **Políticas acadêmicas**

---

---

Abro este item, com um título não muito usual em memoriais, por entender que determinadas funções que exerci, como as de representação e de coordenação/chefia, e algumas iniciativas de que participei na UFRJ contribuíram, de alguma forma, para a definição do perfil do Departamento

---

<sup>7</sup> *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss; Editora Objetiva. Versão 1.0.5a, 2002.

de Letras Vernáculas, de que Língua Portuguesa é o maior dos setores, e, indiretamente, para o da própria Faculdade de Letras.

Como já disse, obtive o título de Doutor em novembro de 1988, numa fase em que o Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas dispunha de um reduzido número de professores, número esse que, entre 1991 e 1994, sofreria uma drástica diminuição em virtude das desastrosas políticas do governo Collor, que levaram muitos docentes (todos também atuantes na Graduação) a optar precocemente pela aposentadoria. Talvez por isso e pelo fato de já atuar na graduação há onze anos, logo em 1990, recém-doutorada, fui indicada como vice-coordenadora do Programa, atuando até abril do ano seguinte, e ministrei o primeiro curso de mestrado. Em maio, fui eleita Coordenadora para o biênio 1991-1993 e ajudei a implantar o novo sistema de funcionamento da coordenação do programa, a partir 1992 gerido por uma comissão encabeçada pelo coordenador e constituída por representantes das três áreas. Por razões que hoje não mais vêm ao caso, aqueles dois anos foram bastante difíceis, tanto que o Departamento de Letras Vernáculas, em sua reunião de 05/5/1993, me concedeu, por unanimidade, um voto de louvor *em reconhecimento pela dedicação e competência* no exercício do cargo naquele biênio.

Em 1993, diante da redução do quadro docente, Dinah Callou e eu decidimos elaborar um documento – o Projeto de Revitalização do Ensino Aprendizagem de Língua Portuguesa – que, além dos objetivos didático-pedagógicos sintetizados no seu título, tinha por finalidade conseguir vagas docentes. A iniciativa foi bem sucedida, tanto que, em janeiro de 1994, realizou-se o primeiro de uma série de concursos para Assistente de Língua Portuguesa, com cinco vagas, que foram preenchidas por Maria Lúcia Leitão de Almeida, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Célia Regina dos Santos Lopes, Afrânio Gonçalves Barbosa e Cláudia de Souza Cunha. A banca, integrada por mim, Yonne Leite e Dinah Callou, também recebeu, por unanimidade, na reunião de departamento de 17/01/1994, um voto de louvor, pela

atuação *séria, competente e dedicada* em todas as fases do concurso (D.O.U.de 08.09.1993).

A partir de então, eu, que já exercera, em 1986, a função de Coordenadora do Setor de Língua Portuguesa, não mais deixei de participar ativamente dos destinos do Departamento e do Programa de PG, atuando, em diferentes períodos, como representante de área, participando de bancas de seleção para o Mestrado e Doutorado e, obviamente, ministrando cursos de pós-graduação e, ininterruptamente, orientando dissertações e/ou teses.

No período de 2007 a 2009, exerci o cargo de Chefe de Departamento num dos períodos mais conturbados da Faculdade de Letras. Em função das dificuldades enfrentadas, Aurora Neiva, Chefe do Departamento de Letras Anglo-germânicas, e eu sugerimos aos demais chefes de departamento que atuássemos de forma conjunta, transformando os interesses de cada departamento nos interesses de todos, o que tornou possível superar os impasses com que, cotidianamente, nos defrontávamos. Creio que, nossa iniciativa constituiu o primeiro gesto para que se reencontrasse o caminho da normalidade e inaugurou uma nova fase nas relações interdepartamentais. Há sempre um primeiro passo!

Nos três últimos anos, tenho feito parte da Congregação da Faculdade de Letras, na qualidade de representante eleita dos professores adjuntos e associados, a exemplo do que já acontecera em 1995 e 1996.

## Veredas

---

---

Em decorrência da participação em projetos de caráter internacional, desempenhei, por vezes, atividades no exterior. No CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), em 1994, realizei um seminário sobre o tema Geografia Linguística no Brasil e, em 1996, colaborei como consultora,

em projetos de investigação. Em 2000, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, além de ter ministrado um curso de oito horas – *Introdução à Metodologia de Pesquisa Sociolinguística* –, destinado a alunos das Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas e de Linguística proferi uma conferência sob o tema *Variação e Ensino de Língua Materna e apresentei*, no quadro das *Conversas da Hora do Almoço*, do CLUL, um panorama dos estudos de Variação Linguística em curso no Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, em sessão aberta ao público. Também no CLUL, fiz palestras, em 2008, sobre concordância verbal e nominal no Português do Brasil e, em 2009, falei sobre concordância nominal no Português do Brasil e no Português de São Tomé numa das aulas do Seminário de Mestrado ministrado por Tjerk Hagemeijer. Ainda em 2008 e 2009, a convite da Universidade de Santiago de Compostela, apresentei, no Instituto de Língua Galega, respectivamente, os seminários *Pesquisas sócio e geolinguísticas no âmbito da UFRJ* e *Padrões de Concordância no Português do Brasil* e, em 2010, participei do workshop “Léxico patrimonial: banco de dados e cartografia”, também como membro do comitê científico.

Algumas atividades, no Brasil, acabaram por gerar publicações não diretamente vinculadas a minhas pesquisas. No período de junho de 1994 a maio de 1996, atuei como Coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL, em parceria com Maria Thereza Indiani de Oliveira, vice-coordenadora, e com quem organizei o *Simpósio Nacional sobre Pesquisa e Ensino da Língua: Contribuições da Sociolinguística*, realizado sob os auspícios do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ e do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 23 a 25 de outubro de 1995) e uma publicação dele decorrente – *Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da sociolinguística*. (Anais do Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL, 23-25 de outubro de 1995. Rio de Janeiro: Timing Editora: UFRJ, Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas: CNPq, 1996). Em consequência, ainda, dessa função, escrevi o texto “GT de Sociolinguística”, publicado na *Revista da ANPOLL*, 1: 95-101,



1994, número dedicado à história e às contribuições dos grupos de trabalho até àquela data.

De julho de 2005 a janeiro de 2006, integrei, com colegas do Departamento, a equipe de avaliadores de livros didáticos referente aos componentes curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (PNLEM - 2007. Programa Nacional do Livro do Ensino Médio/MEC), que nos deu a real dimensão dos problemas relativos ao ensino de português, como afirmo na introdução de “Variação e fonologia no livro didático de ensino médio”, publicado nos Anais da II Semana de Língua Portuguesa - II SELP. (Rio de Janeiro : Faculdade de Letras-UFRJ, 2008. v. 1. p. 93-99), um dos frutos dessa experiência:

a observação dos livros didáticos de Ensino Médio da atualidade demonstra que, apesar do notável desenvolvimento da Linguística no século XX, os conteúdos presentes em grande parte deles ainda são veiculados sob a égide da tradição gramatical e estão a serviço de um ideal homogeneizante, sem respaldo na realidade, pois desconsideram as diferentes situações de uso da língua e, conseqüentemente, o fato de a variação ser inerente a qualquer sistema linguístico.

Também dessa experiência resultou “Ensino de língua materna: variação e gramática”, (In: Rosa Assis (org.). *Estudos da língua portuguesa e de todas as línguas que fazem a nossa*. Manaus: Unama, 2008, v. 6, p. 67-86), em coautoria com Silvia Rodrigues Vieira, em que focalizamos o ensino de Português, especialmente no nível médio, à luz das pesquisas linguísticas realizadas nas últimas décadas e, com base na observação de materiais didáticos, elegemos como questões para debate o tratamento da variação linguística e dos componentes gramatical e textual.

Em abril de 2014, fui convidada, pela Profa. Dra. Aline Bazenga, a fazer uma conferência na Universidade da Madeira, que teve como tema *A concordância nominal em português falado: comparação entre diferentes variedades*. Na mesma ocasião, eu e Silvia Rodrigues Vieira ministramos um *workshop* para alunos de graduação sobre a metodologia na área da

Sociolinguística Variacionista, nela incluída a utilização do Programa GOLDVARB-X.

Em 2012, integrei a comissão avaliadora da melhor tese defendida em 2010 na Área de Letras e Linguística (CAPES). Em 2013, fui convocada pelo Representante da Área de Letras e Linguística a integrar a Comissão de Avaliação dos Cursos de Pós-graduação (Trienal 2013), experiência duplamente significativa, não só pelo fato de nosso Programa ter sido avaliado com nota 6, mas também pelo que pude observar e aprender em relação à dinâmica da Pós-graduação no país.

Em julho de 2014, fui eleita para atuar como Vogal, um dos cargos da Diretoria da Associação de Linguística e Filologia da América Latina.

Como se pode verificar pelo currículo, tenho participação em bancas examinadoras de variada natureza: de mestrado, doutorado, qualificação, concursos públicos para acesso à pós-graduação, para a carreira de magistério, para progressão funcional, quer na UFRJ, quer em outras instituições brasileiras. Apenas para dar ideia da experiência nessa área (já citei minha iniciação em bancas de concurso público), refiro-me a três bancas em especial (a) às duas primeiras que integrei: a da defesa da dissertação de Tânia Regina Eduardo Domingues, *Uso dos pronomes de tratamento nos personagens do teatro de cordel português do século XVI*, em março de 1989, e o Exame de Qualificação (Doutorado) de Cosme Damião da Silva, em 1992; (b) àquela que fui convidada a integrar na Université Paris 8, e que deverá ocorrer em 01 de dezembro de 2015.

## **Síntese do percurso**

---

---

Em 1998, já com direito à aposentadoria e, desde 1989, no então penúltimo patamar da carreira (Adjunto IV), optei por permanecer no magistério e, mais precisamente, na UFRJ, instituição em que muito aprendi e onde tenho

podido exercer minhas atividades com liberdade e com o apoio e o respeito dos colegas, alguns deles ex-orientandos.

(a) *no que diz respeito às atividades de pesquisa*, sublinho: (i) o conhecimento de variedades do Português, em especial, da fala popular do Estado do Rio de Janeiro e, mais recentemente, as falas culta e popular das variedades europeias e africanas; (ii) a revitalização da Geolinguística no Brasil não só por meio do Projeto APERJ e da publicação, em 1991, de um livro que foi considerado, em diferentes publicações, bibliografia básica nessa área, mas também por meio da elaboração de trabalhos e da orientação de três atlas linguísticos em forma de teses e dissertação; (iii) o intercâmbio e difusão de conhecimentos, como o demonstram os projetos de pesquisa que coordenei ou de que participei no âmbito da UFRJ e em nível internacional, todos pautados no trabalho em equipe, bem como os estudos publicados e livros organizados.

(b) *no que se refere à formação de recursos humanos*, sublinho: tenho-me dedicado intensivamente à qualificação de docentes-pesquisadores, abrangendo, na UFRJ, várias gerações de estudantes (1978-2014), por meio das aulas na graduação e na pós-graduação, da supervisão de estágio de doutoramento, da orientação dos trabalhos realizados por monitores de disciplinas, tutorandos, bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos; alegra-me mencionar que quatro dos atuais docentes do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ foram minhas orientandas de Mestrado e/ou de Doutorado – Silvia Rodrigues Vieira, Márcia dos Santos Machado Vieira, Eliete Figueira Batista da Silveira e Danielle Kelly Gomes - e outros, como Célia Regina dos Santos Lopes (Associado I) e Silvia Regina Cavalcante (Adjunto II), excelentes alunas de graduação e/ou de pós-graduação. Entre os ex-alunos de graduação, inclui-se, ainda, a atual Diretora da Faculdade de Letras, Eleonora Ziller Camenietzki, nos heroicos tempos da Avenida Chile.

(c) no que se relaciona às políticas acadêmicas, sublinho: (i) um ensino de qualidade, pautado na atualização de conhecimentos, na difusão de pesquisas, na realidade sociolinguística brasileira, ministrando cursos de Graduação, Pós-graduação e Extensão; (ii) a definição de diretrizes da Graduação (como Coordenadora do Setor de Língua Portuguesa e Chefe do Departamento de Letras Vernáculas) e da Pós-graduação, como Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, numa fase em que este foi considerado um dos programas de excelência da UFRJ, como representante da área de Língua Portuguesa na Comissão do Programa em diferentes gestões, como coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL, como vogal da ALFAL; (iii) a discussão de estratégias didático-pedagógicas e administrativas, pela ativa participação nas reuniões do Departamento de Letras Vernáculas, na Comissão do Programa de Pós-graduação e nas da Congregação da Faculdade de Letras, como representante eleita dos professores Adjuntos e dos Associados. Interrompo este Memorial – agradecendo à banca – com as palavras do escritor Valter Hugo Mãe<sup>8</sup>, angolano radicado em Portugal: ao longo deste percurso, “*tenho tentado ser o que posso ser*”. Entretanto, decido por dar um passo adiante, retomando Clarice Lispector, a pensadora daqui e tão nossa:

«Que coisa estranha: até agora eu parecia estar querendo alcançar com a última ponta de meu dedo a própria última ponta de meu dedo – é verdade que nesse extremo esforço, cresci; mas a ponta de meu dedo continuou inalcançável. Fui até onde pude. Mas como é que não compreendi que aquilo que não alcanço em mim. já são os outros? Os outros, que são o nosso mais profundo mergulho!»<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Entrevista ao programa Estúdio I, TV Globo, 01/08/2011.

<sup>9</sup> *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 310-31.